



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



DE BANDIDO A HERÓI: A SUBJETIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DA PESSOA EM MALCOLM X

Valdir Alves¹

Resumo: A proposta deste artigo é demonstrar através da autobiografia de *Malcolm X*; dos romances, *Filho Nativo*, de Richard Wright e *Homem Invisível* de Ralph Ellison; das teorias de subjetividade de Sherry B. Ortner e de pessoa de Marcel Mauss, como o conflito racial nos Estados Unidos possibilitou a construção de um sujeito marginal, transformando-o em estrangeiro em seu próprio país, além de explicar como estes agiam para burlar esta invisibilidade reinventando suas identidades. Com o auxílio dos relatos autobiográficos de Malcolm X é possível perceber como sua vida e de toda sua família foi transformada pelos conflitos raciais que tomavam conta dos Estados Unidos na época. Da sua infância conturbada, na presença de pais que se dividiam entre tentar criar seus filhos e livrá-los das ameaças constantes feitas por organizações como a Ku Klux Kan, passando por uma adoção forçada após a morte de seu pai, até o ingresso no Islã, onde Malcolm Little se torna o grande Malcolm X. Este artigo faz uma ampla abordagem do processo de surgimento e identificação deste personagem histórico. Para tanto, as teorias de Sherry Ortner e Marcel Mauss ajudam a compreender como minorias étnicas reconstruíram suas identidades e acabaram por se tornar atuantes, através da construção do seu “eu”, em um processo de grande opressão como se revelava o cenário do norte dos Estados Unidos, apresentado com precisão na obra de Richard Wright.

Palavras – chave: Identidade, Racismo e Subjetividade.

¹ Cientista Social em formação do curso de Ciências Sociais, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Educador de ensino em base Africana (EBA); no Grupo de Ação para Promoção Educacional Científico-Cultural (GAPECC). Membro do Grupo Corpo e Cultura da linha Corpo e Política, membro do Núcleo de estudos africanos do recôncavo da Bahia (NEAB). Bolsista do CNPq, com o Projeto Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Políticas de Gênero e Sexualidade. E-mail: diopfaluke@gmail.com

INTRODUÇÃO

“As únicas pessoas que realmente mudaram a história foram as que mudaram o pensamento dos homens a respeito de si mesmo” (Malcolm-X)

Através da autobiografia de *Malcolm X*; dos romances, *Filho Nativo*, de Richard Wright e *O Homem Invisível* de Ralph Ellison e das teorias de subjetividade de Sherry B. Ortner e de pessoa de Marcel Mauss, este artigo busca mostrar, como o conflito racial nos Estados Unidos possibilitou a construção de um sujeito marginal, transformando-o em estrangeiro em seu próprio país, além de explicar como estes agiam para burlar esta invisibilidade reinventando suas identidades.

Richard Wright, na introdução de sua obra célebre *Filho Nativo*, trará informações sobre a realidade vivida pelos americanos negros:

No Sul existem dois mundos separados, o dos brancos e o dos negros. Existe escola para brancos e, em separado, escolas para negros, igrejas para brancos e igrejas para negros, lojas para brancos e lojas para negros, cemitérios para brancos e cemitério para negros. E pelo que sei um deus para os brancos e um para os negros. (RICHARD WRIGHT, 1940, p. 13).

Neste contexto segregado onde nasceu Malcolm Little, quinto filho de uma família de oito irmãos, seu pai, um homem negro de mais de 1.90 m era ministro de uma igreja batista e fazia parte da associação para a melhoria universal do negro UNIA, cujo líder era Marcus Garvey. Seu pai seguia a risca as teorias de Marcus Garvey, que pregava o retorno a mãe a África, por este motivo era alvo de constantes perseguições, principalmente da organização racista de origem cristã, a Ku Klux Klan, que era composta por homens brancos que se vestiam com roupas e máscaras brancas, e saíam nas madrugadas armados para espancar, até a morte, negros que, segundo eles, estavam “criando problemas com boas pessoas brancas cristãs” (X, 1964, p. 16). Muitos negros apareciam mortos enforcados em árvores e muitas casas eram queimadas.

Seu pai também era perseguido por outro grupo, *A Legião Negra*, esta fraternidade era de negros que não aceitavam que um negro tivesse comércio e morasse fora dos lugares considerados como bairros de negros. Fredrik Barth, no livro intitulado *Teorias de etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras*, traz grandes contribuições para entender as fronteiras étnicas. Segundo Barth, o conceito de sociedade não dá conta das nuances da vida social:

Antropólogos sociais evitaram amplamente estes problemas, usando um conceito de “sociedade” altamente abstrato para representar o sistema social englobado dentro

do quais grupos e unidades concretas menores podem ser analisados. Contudo tal procedimento deixa intactas as fronteiras e as características empíricas de grupos étnicos e as importantes questões que são levantadas por tal investigação (BARTH, 1998, p. 188).

Era nesta linha tênue que seu pai se encontrava. Sua mãe que era uma mulher de bastante pulso cuidava da casa e das crianças. Era uma mestiça de cabelos lisos, poderia passar facilmente como branca, “havia nascido em Granada, nas Índias Ocidentais Britânicas” (X, 1964, p. 16).

Malcolm era o filho mais claro, havia puxado a mãe, por este motivo era o protegido do pai, que batia em todos os filhos, menos em Malcolm, isso se dava por que:

Naquele tempo, a maioria dos pais negros tratava as crianças mais claras melhor que as crianças escuras, quase que instintivamente. Era uma reação que provinha diretamente da tradição da escravidão, segundo qual o “mulato”, por ser visivelmente mais próximo do branco era melhor. (X, 1964, p. 18).

Mais as surras que faltaram por parte de seu pai sobravam por parte da mãe, que lhe batia por que ele era o mais claro, o motivo por parte de sua mãe estava no fato de que Malcolm não podia “deixar-se ‘invadir’ por um senso de superioridade de cor” (X, 1964, p.21).

Muitos foram os conflitos vividos por Malcolm em sua infância, como as brigas de seus pais, que eram constantes, as ameaças de morte que sua família recebia, piadas na escola, do tipo: *lá vem o negrinho*. De tanto ser chamado de negro, Malcolm acreditava que aquele era seu nome. Mesmo crescendo em meio às agressões verbais, agressões físicas e constantes brigas familiares, sua infância foi melhor que o período de sua adolescência, como veremos mais adiante. Podemos então dizer que a primeira década de vida de Malcolm foi como a de um negro em um país onde existia segregação racial.

Por causa das constantes ameaças feitas pela Ku Klux Klan e pela Legião Negra, a família teve que se mudar para um lugar mais seguro, um pouco distante da cidade. Em mais um dia de conflito em sua casa, seu pai sai chateado para espairer e não volta, horas depois chega a notícia que ele havia sido morto por pauladas e seu corpo colocado em uma linha de trem.

Esta foi sua a sua primeira grande perda, com seu pai morto não demoraria muito para sua família desmoronar. Sua mãe tentou de muitas formas segurar as contas. Seu pai havia deixado dois seguros, ela só teve acesso a um, o de menor valor. O outro não foi pago, porque o banco alegou que o pai de Malcolm havia cometido suicídio.

A família começou a passar fome, tendo muitas vezes, só um caldo feito a base de folhas para se alimentar três vezes ao dia. Com o passar do tempo a família passou a receber ajuda do estado, que por sua vez, enviou assistentes sociais que frequentavam a casa, estas visitas tornaram-se cada vez mais habituais.

As assistentes sociais logo aconselharam à senhora Little a entregar seus filhos para adoção, ela relutou até quando deu, mais em um belo dia, ela viu um de seus filhos sair de sua casa para morar com outra família, este era o jovem Malcolm que nesse instante sofria sua segunda grande perda, ficar longe de sua mãe e seus irmãos. A casa para onde Malcolm foi enviado era de uma família na qual ele já tinha contato quando seu pai ainda era vivo, os Gohannas eram muitos religiosos e conservadores mas Malcolm se dava muito bem com todos, inclusive com o filho o Big boy.

Neste primeiro momento da vida de Malcolm, apesar de ser conturbado, ele ainda não tinha conhecimento sobre a real situação do negro em seu país coisa que ele só iria realmente perceber muito tempo depois.

REFLEXÃO SOBRE SUA INVISIBILIDADE

Um dia na escola quando Malcolm entrou na sala de aula com um chapéu, seu professor, branco, olhou e insinuou que Malcolm estava querendo se aparecer – ou será que naquele momento Malcolm estava querendo existir? Já que dias atrás ele vinha de uma dura derrota quando tentava ser pugilista: “Os danos à minha reputação na comunidade foram tão grandes que praticamente tive que me esconder. Um negro não poder ser derrotado por um branco e voltar para sua comunidade de cabeça erguida”. (X, 1964, p. 35) – seu professor mandou-lhe ficar rodeando a sala para que todos pudessem lhe ver.

Malcolm em uma destas voltas pela sala aproveitou para se vingar e pois uma tachinha na cadeira do professor e quando este sentou, imagina o que aconteceu? Malcolm foi banido da escola. Sendo expulso da escola ficou impossível viver na casa dos Gohannas, que lamentaram muito por saber que Malcolm seria levado para uma casa de detenção para menores.

Ao chegar à casa de detenção, os diretores falaram para que servia aquele lugar, era “onde os rapazes como eu podiam compreender seus erros e começar a vida nova” (X, 1964, p. 36). Não demorou muito para que Malcolm conquistasse seus diretores, já que era dedicado aos fazeres domésticos: lavava pratos, varria a casa, limpava os móveis e foi neste momento que ele começou a perceber o quanto era invisível perante os brancos. Esta análise cognitiva Giddens chama de reflexividade:

Assim, é útil falar de reflexividade como algo assentado na monitoração contínua da ação que os seres exibem, esperando o mesmo dos outros. A monitoração reflexiva da ação depende de racionalização, entendida aqui mais como um processo do que como um estado, e como inerentemente envolvida na competência dos agentes (GIDDENS, 1989, p. 2).

A reflexividade pode ser consciente ou inconsciente, acredito que neste momento a atitude de Malcolm ainda era inconsciente. Como mostra o relato seguinte:

[Os brancos] eram capazes de falar qualquer coisa na minha presença, com a mesma indiferença com que as pessoas falam livremente diante de um canário de estimação. Chegavam mesmo a falar a meu respeito ou sobre negros, desdenhosamente, como se eu não tivesse presente, como se eu não fosse capaz de entender (X, 1964, p. 37).

Este foi um dos primeiros momentos em que Malcolm percebeu sua invisibilidade, mas a saída para esta invisibilidade foi a pior, ou por que não, a mais conveniente para o momento. Isto se deu quando foi matriculado na High School - sendo o primeiro detento a ir para escola – Malcolm e os Lyons eram os únicos negros da escola.

Sou um homem invisível. Não, não sou um fantasma como os que assombravam Edgar Allan Poe; nem um desses ectoplasmas de filme de Hollywood. Sou um homem de substância, de carne e osso, fibras e líquidos – talvez se possa até dizer que possuo uma mente. Sou invisível, compreendam, simplesmente porque as pessoas se recusam a me ver. [...] Minha invisibilidade também não é, digamos, o resultado de algum acidente bioquímico da minha epiderme. A invisibilidade à qual me refiro ocorre em função da disposição peculiar dos olhos das pessoas com quem entro em contato. (ELLISON, 1990, p. 7).

Não demorou muito tempo na escola para que Malcolm se tornasse o melhor aluno sendo as matérias Inglês e História a que ele mais gostava. Também conseguiu com muito mérito ser líder da sua turma por ter as melhores notas: “E me sentia orgulhoso; eis algo que não posso negar. Naquela ocasião, não tinha realmente o sentido de ser negro, porque estava me esforçando arduamente, por todos os meios possíveis em ser branco” (X, MALCOLM, 1964, p. 41). Fanon vai dizer que: “Por mais dolorosa que possa ser esta constatação, somos obrigados a fazê-la: para o negro, há apenas um destino. E ele é branco” (FANON, 2008, p. 28).

Esta foi a solução encontrada por Malcolm e outros muitos negros norte americanos: a negação de sua identidade negra. Roberto Cardoso de Oliveira, em seu texto *Identidade étnica, identidade e manipulação* diz que, a identidade tem duas dimensões: a pessoal, ou individual; e a social, ou coletiva. Sendo a pessoal objeto de estudo da psicologia e a social objeto das Ciências Sociais, no entanto, muitos intelectuais utilizam as duas: “A importância de tomar a identidade como um fenômeno bidimensional permite, por outro lado, incorporar as contribuições dos estudos psicológicos, especialmente relevantes para a descrição dos processos de identificação” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2003, p. 119).

Acredito que no caso de Malcolm, e de muitos negros norte-americanos, houve uma dupla negação da identidade. Outro momento que marcaria a vida de Malcolm foi o conselho dado pelo seu professor Ostrowski. Quando Malcolm lhe perguntou sobre o que ele achava de ser advogado, o professor disse que seria honesto com ele e afirmou que era melhor que ele pensasse em algo como marcenaria, pois ele já tinha muitos contatos na escola e estes seriam seus clientes. Malcolm sabia que aquele conselho dado pelo Sr. Ostrowski não seria dado a outros alunos brancos, aquilo foi um duro golpe para a vida, como ele mesmo disse: “[...] foi neste momento que comecei a mudar por dentro” (X, 1964, p. 44).

Malcolm percebeu que poderia fazer o que fosse, nada mudaria sua condição de negro, esta cogitação levou a mudanças de posturas como, por exemplo, o isolamento dos garotos brancos e uma atitude agressiva quando o chamavam de *nigger*, em mais um momento de reflexividade.

Marcel Mauss no capítulo intitulado: *uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “EU”*, no seu livro *Sociologia e Antropologia* fará um levantamento histórico sobre a noção de pessoa e como esta noção assumiu formas diferenciadas em cada sociedade, anulando a ideia de naturalidade da pessoa. Em algumas destas sociedades o conceito de pessoa estava totalmente vinculado ao papel social que ela exerce, Mauss dirá que: “[...] nunca houve ser humano que não tinha o senso, não apenas de seu corpo, mas também de sua individualidade espiritual e corporal ao mesmo tempo” (MAUSS, 2003, p. 371).

Neste fragmento supracitado percebemos que, Mauss ao estudar a construção histórica da pessoa nos leva a perceber como em cada sociedade os indivíduos fizeram, ou melhor, construíram a noção do “EU”.

Na sociedade americana onde os brancos imprimiam uma dura segregação, só poderia gerar uma *pessoa* confusa, em relação ao seu lugar social. Malcolm acabou tornando-se, como diria Richard Wright, um Bigger: “rancoroso com relação aos brancos, obstinado, zangado, ignorante, emocionalmente instável [...]” (WRIGHT, 1940, p. 24).

Um perturbador da ordem social que a própria sociedade branca americana era culpada, por que foi ela quem o construiu, ou melhor, formou.

[...] tirei as primeiras conclusões políticas a respeito de Bigger: senti que ele, produto norte-americano, filho nativo desta terra, trazia dentro de si as potencialidades do comunismo ou do fascismo. Não estou querendo dizer que o negrinho de *filho nativo* seja comunista ou fascista. Ele não é nem uma coisa nem outra. É o produto de uma sociedade deslocada; um homem esbulhado e deserdado, Bigger é tudo isso e convive com a maior exuberância possível na face da terra procurando uma saída para a sua marginalização (WRIGHT, 1940, p. 23).

Richard Wright diz que em toda parte dos Estados Unidos existiam Bigger, ele mesmo tinha conhecido alguns durante sua infância e adolescência. Mais este Bigger no qual Malcolm tinha se tornado tinha algo de diferente dos outros, ele era um ser reflexivo. Mas existiam outros traços que lhe igualava aos Bigger, “ele vivia perambulando entre dois mundos – entre o poderoso país norte-americano e seu próprio lugar atrofiado da vida.” (WRIGHT, 1940, p. 27).

DE MASON PARA BOSTON E SUA NOVA IDENTIDADE

Em Boston tudo era diferente, as igrejas de negros eram diferentes, os negros eram diferentes, este foi um dos momentos no qual Malcolm experimentou “pela primeira vez, a sensação de ser uma massa da [...] própria espécie” (X, 1964, p. 45). Não demoraria muito para que Malcolm mudasse para Boston.

O primeiro mês foi o momento de reconhecimento da cidade. Pela primeira vez Malcolm pode andar de metrô e também descobrir os lugares onde ele deveria andar e os lugares onde não poderia ir. Já neste momento Malcolm escolheu andar nos lugares onde era proibido, isso porque não conseguia aceitar viver no meio dos negros que se comportavam como brancos.

Em um destes lugares proibidos foi Malcolm conheceu Shorty, aquele que seria seu primeiro professor das ruas. Uma das primeiras palavras proferidas por Shorty a Malcolm foi chamá-lo de Red, isso por causa do seu estilo interiorano, seu cabelo curto, suas calças curtas e seu jeito de andar. Percebemos aqui uma identidade interiorana, estes traços são o que Fredrik Barth chama de traços diacríticos que naquele momento revelaram-se na forma de agir e vestir (BARTH, 1997, p. 194).

O primeiro emprego de Malcolm como engraxate foi Shorty quem arrumou e foi neste lugar onde Malcolm teve contato com o mundo da música, o das mulheres e também com o mundo do álcool e das drogas. Boston foi uma “escola” para Malcolm.

NOVA YORK A UNIVERSIDADE DO CRIME

A ida de Malcolm para Nova York aconteceu por vários motivos. O primeiro deles foi por que sua irmã não queria que ele continuasse a sair com uma mulher branca, o segundo foi porque ela não queria que ele prestasse serviço militar. E o maior motivo era que o próprio Malcolm sonhará com este dia e para que fosse possível sua irmã lhe arrumou um trabalho como

ajudante em um restaurante que funcionava dentro de um trem que saia de Boston para Nova York.

Começou a sair por Nova York com os colegas de trabalho nas horas de descanso que ficavam na cidade, os amigos lhe mostraram os principais pontos turísticos e também o Harlem, lugar que encantou Malcolm desde a primeira vez. Entre idas e vindas de Boston para Nova York, Malcolm resolveu mudar para Nova York indo morar em um bordel no Harlem e trabalhar como garçom, não demorando muito para se envolver com prostituição.

No período em que foi cafetão, Malcolm conheceu o submundo da prostituição, mulheres que vendiam seus corpos por dinheiro ou até mesmo por comida e outras que ao invés de se vender, compravam prazer já que seus maridos estavam na guerra. Na verdade, até mesmo com seus maridos em casa isso acontecia. Como diria Franz Fanon, o desejo das mulheres brancas é o de ser “violentadas” pelo preto.

Para Fanon, a atitude discriminatória da mulher branca em relação ao negro (sobretudo o homem negro) seria provocada por uma inquietação sexual, uma relação dupla de fobia e desejo. Por serem as negrófobas, em geral, mulheres sexualmente frustradas, atribuem ao homem negro poderes sexuais capazes de superar suas mazelas. A simples presença do negro, para estas mulheres, produz um sentimento fóbico, e a atitude violenta é uma resposta repressora ao seu desejo. (SABEDE, 2011, p. 49)

O discurso sexual racializado nos Estados Unidos regou uma sociedade neurótica. Ao mesmo tempo em que negros estavam sendo mortos, perseguidos e acusados de estuprar mulheres brancas, as mulheres brancas estavam em busca ardente do prazer do homem negro, prazer este que havia sido socialmente construído para manter o negro mais próximo ao biológico, este mesmo conceito gerou homens brancos frustrados com seu desempenho sexual.

Maridos brancos, que não encontravam satisfação para seu ego com suas esposas, buscavam nas prostitutas a satisfação e alimento para seu ego, já que só estas faziam com que eles se sentissem os homens mais viris do mundo, amenizando o medo visível que o homem branco tem do mito da superpotência do homem preto. Este momento da vida de Malcolm cabe uma análise de gênero que aqui não será possível fazer, sendo colocado apenas como uma inquietação.

Para homens negrófobos, por sua vez, Fanon apresenta duas possibilidades interessantes. Na primeira, o negro representaria um terrível concorrente para o branco, por acreditarem ele ser dono de uma potência que nunca poderiam atingir. Daí causando um sentimento de inferioridade. O inseguro ou impotente sente-se ameaçado diante da potência e virilidade que atribui ao outro. Há uma segunda possibilidade, na qual o branco discrimina o negro, pois diante dele evidencia-se seu recalque sexual. Ou seja, age com violência contra um objeto de desejo como negação da própria homossexualidade não-aceita. Baseado nessas hipóteses, Fanon

cunha o termo “vingança sexual” que, para ele, gera a perseguição aos negros (SAPEDE, 2011, p. 50).

O autor ainda cita Fanon para enfatizar a abordagem feita de sua obra:

O linchamento do negro não seria uma vingança sexual? Sabemos tudo o que as sevícias, as torturas, os muros, comportam de sexual. Basta ler Marquês de Sade para nos convenceremos. ...A superioridade do negro é real? Todo mundo sabe que não. Mas o importante não é isso. O pensamento pré-lógico do fóbico decidiu que é assim (FANON apud SAPEDE, 2011, p. 50).

Após cometer o grande erro de oferecer uma mulher para um militar e ser detido, Malcolm passou a ser vigiado todo o tempo. Foi aí que Malcolm resolveu mudar de ramo passando da prostituição às drogas. Por conhecer todos os ciclos da malandragem não foi difícil se estabelecer no novo “comércio”. Neste período Malcolm fez de tudo para vender drogas e também para não ser pego pela polícia.

Vendia drogas para a maioria dos músicos de Nova York. Onde tinha músico lá estava ele, não demorou muito para que a polícia do narcotráfico ficasse em sua cola, mesmo sendo cauteloso com a venda, ficou quase impossível vender. Malcolm então mudou de bairro, passou a vender drogas para os piores tipos de pessoas, aquelas que viviam nas ruas pedindo dinheiro nas esquinas, logo se viu quase na falência, mas seu amigo deu uma ideia que lhe colocaria de novo no jogo.

A ideia era vender drogas no trem, já que ele possuía a carteira de passe da época em que trabalhava no restaurante. Malcolm voltou a vender para os músicos em turnê. Após o período de venda das drogas, ele deu vários outros golpes no Harlem. Tornou-se um homem destemido, todos sabiam que ele era capaz de matar alguém por qualquer deslize que este cometesse, por qualquer coisa que fosse.

DE MALCOLM LITTLE PARA MINISTRO MALCOLM-X

Após ter virado um especialista em assalto a casa e ter ficado muito seguro ao ponto de achar que não seria pego, Malcolm foi preso em flagrante em uma relojoaria quando tentava consertar um relógio que ele havia roubado. Através do relógio os policiais chegaram a casa da quadrilha e encontram as ferramentas usadas para realizar os assaltos e o arsenal de armas de Malcolm.

Com isso os policiais chegaram aos outros integrantes da quadrilha e o que mais chocou a comunidade era que entre os ladrões estavam duas mulheres brancas de classe média. Malcolm foi condenado a dez anos de prisão, as mulheres pegaram entre um a cinco anos. “[...]”

eu tinha afundado até o fundo do poço da sociedade do homem branco americano quando, na prisão, encontrei Alá e a religião do Islã transformando a minha vida” (X, 1964, p. 151).

Mas antes de conhecer a religião Malcolm tinha recebido um apelido dos guardas que era satã, isso por que ele odiava os religiosos. Satã era um preso incontrolável, chegava a passar mais tempo na solitária do que na sela, jogava bandeja de comida no chão, jogava coisas para fora da sela, falava palavrão para os guardas, o psicólogo e o capelão.

Mas satã (Malcolm) acabou se transformando quando conheceu Bimbi, um detento, um assaltante veterano que já estava há muito tempo na prisão. “Bimbi era o primeiro preso negro que conheci que não reagia às provocações. [...] As pessoas concentravam toda a sua tensão nele, muitas vezes absorvidos por assuntos sobre os quais ninguém normalmente pensaria” (X, 1964, p. 154).

Quando percebeu estava sentado ouvindo Bimbi falar sobre religião, e este foi o primeiro contato que Malcolm teve com o islã, o primeiro conselho que Bimbi deu a Malcolm foi a respeito dos estudos. Aconselhou que ele deveria fazer um curso por correspondência. O primeiro curso que Malcolm fez foi o de inglês já que havia perdido muita coisa sobre a gramática, outro curso que acabou fazendo foi o curso de latim.

A elite branca nunca imaginaria que o Harlem, o presídio e a religião poderiam ser “a universidade” de um dos negos mais destemidos dos Estados Unidos da América, e se pudessem imaginar teriam feito alguma coisa para pará-lo.

Quando Malcolm saiu do presídio, depois de oito anos, mudou de cidade já convertido a fé islâmica, não demorando muito para tornar-se ministro e ser porta voz dos muçulmanos pretos. Tempo depois, Malcolm-X se tornaria um dos porta-vozes de todo povo preto dos Estados Unidos da América na luta pelo direito civil.

Após fazermos um passeio na autobiografia de Malcolm-X, podemos perceber o quanto Ortner está correta em relação ao conceito de Subjetividade. Segundo a autora, “por subjetividade irei me referir ao conjunto de modos de percepção, afeto, pensamento, desejo, medo e assim por diante, que animam os sujeitos atuantes” (ORTNER, 2007, 376). Esta situação de medo e afeto possibilitou a construção de um sujeito social com complexas subjetividades, e estas subjetividades tornaram-se uma força motriz impulsionando os agentes a buscar transformações sociais.

Sherry Ortner, no seu texto *Subjetividade e crítica cultural*, traz grandes elucidações sobre como as Ciências Sociais vem ao longo de sua existência deixando de lado a subjetividade.

Resumindo, tenho me procurado em explorar os caminhos nos quais uma antropologia da subjetividade pode ser a base de uma crítica cultural, nos permitindo

propor questões afiadas sobre a formação cultural de subjetividade dentro de um mundo de relações de poder amplamente desiguais, e sobre as complexidades das subjetividades pessoais dentro de tal mundo (ORTNER, 2007, p. 400).

A autora dá início ao seu texto tecendo críticas a Lévi-Strauss que retoma de forma mais complexa as ideias de Durkheim e vai além das categorias liberdade/determinismo anulando de vez, a atuação do indivíduo na sociedade, coisa que Durkheim mesmo prezando a superioridade da sociedade sobre o indivíduo, não fez. Lévi-Strauss criou uma estrutura impenetrável pelo sujeito. Ortner permanece nas críticas aos pensadores pós-levistraussiano que flexibilizam o lugar deste sujeito na sociedade, porém continua por anular a subjetividade. Entre estes, os criticados, há intelectuais como: Pierre Bourdieu, Anthony Giddens e Marshall Sahlins.

Para a autora será Clifford Geertz contemporâneo destes intelectuais supracitados que dará a devida importância para a subjetividade. “Em alguns ensaios célebres nos anos 1960 e 1970, Geertz se aproximou da filosofia e da teoria literária para articular uma abordagem especificamente cultural da subjetividade, e, pode-se dizer uma teoria da cultura especificamente orientada pela subjetividade” (ORTNER, 2007, p. 381). É através das releituras dos textos de Geertz que Sherry Ortner vai propor uma antropologia da subjetividade.

CONCLUSÃO

Malcolm Little em sua autobiografia nos mostra como foi sua vida, e deixa bastante evidente as muitas identidades vívidas. Hora ele era Red, um simples matuto vindo do interior, hora era um excelente dançarino, hora um cafetão, hora um traficante, hora um vigarista, hora um acusado, hora um líder de quadrilha, hora um detento, ou melhor, um número: “Nunca se ouve o próprio nome na prisão, apenas o número, gravado. Ficava gravado até no cérebro” (X, 1964, p.153).

As teorias de subjetividade de Sherry Ortner e de pessoa de Marcel Mauss se mostraram de suma importância para entender a construção das identidades das minorias étnicas, e perceber como estas minorias ressignificaram seu lugar na sociedade Norte Americana tornando-se o que Sherry Ortner chama de “sujeitos atuantes”. (ORTNER, 2007, 376).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade étnica, identidade e manipulação.**

ELLISON, Ralph. **O Homem invisível**; tradução: Random House. São Paulo: Editora Marco Zero, 1990.

FANON, Frantz. **Pele Negra Máscara Brancas**/ Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**; tradução de Álvaro Cabral. – São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**; tradução de Paulo Neves. – São Paulo: Cosac Naify, 2003.

ORTTNER, Sherry B. **Subjetividade e crítica cultural.** Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 13. Nº28. p. 375-405. Jul/dez, 2007.

POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da etnicidade.** Seguindo de Grupos étnicas e suas fronteiras de Fredrik Barth/ Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart; tradução de Élcio Fernandes. – São Paulo: fundação Editora da Unesp, 1998.

SAPEDE, Thiago. **“Racismo e dominação Psíquica em Frantz Fanon”**; Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Ano IV, Nº 8, Dezembro/2011. Disponível em: <https://sites.google.com/site/revistasankofa/sankofa8/racismo-e-dominacao-psiquica-em-frantz-fanon>. Acesso em 22 de março de 2012.

X, Malcolm. **Autobiografia de Malcolm X**/ com a colaboração de Alex Haley; tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. -2º Ed. – Rio de Janeiro: Record, 1992.

WRIGHT, Richard. **Filho Nativo**; tradução de Jusmar Gomes. Círculo do Livro, 1940.